

MICHA YOSEF BERDICHEVSKI E A VACA SAGRADA

MICHA YOSEF BERDICHEVSKI AND THE RED HEIFER

Moacir Amâncio*

Resumo: A criação da literatura hebraica contemporânea teve origem no movimento iluminista judaico, a partir de fins do século 18, na Alemanha, desenvolvendo-se através do século seguinte e chegando à sua plena realização no decorrer do século 20, em Israel. Berdichevski foi um dos grandes pioneiros na criação do hebraico modernizado, que passou a dar expressão à problemática dos judeus na Europa oriental em seus diversos aspectos. O conto aqui traduzido é um exemplo do vigor da retomada de um idioma até então não falado, mas na clave da contemporaneidade.

Palavras-chave: Berdichevski. Ficção hebraica. Crise. Renovação.

Abstract: The creation of contemporary Hebrew literature originated in the Jewish Enlightenment movement, from the end of the 18th century, in Germany, developing throughout the following century and reaching its full realization in the 20th century, in Israel. Berdichevski was one of the great pioneers in the creation of modernized Hebrew, which came to give expression to the Jewish problem in Eastern Europe in its various aspects. The tale translated here is an example of the vigor of the revival of an almost non spoken language.

Keywords: Berdichevski. Hebrew fiction. Crisis. Renewal.

Micha Yossef Berdichevski (1865-1921) é um dos principais escritores hebraístas da passagem do século 19 para o século 20. Nascido em 1865 no Império Russo, radicou-se na Alemanha, onde fez o doutorado, tornou-se discípulo de Nietzsche e escreveu sua obra em três idiomas. Era o momento em que escritores judeus escreviam em diversas línguas simultaneamente. O ídiche (idioma de base germânica, com vocabulário também

* Moacir Amâncio é professor de literatura hebraica, autor de *Dois Palhaços e Uma Alcachofra*, Nankin, 2000, SP, estudo sobre o romance *Adam Filho de Cão*, de Yoram Kaniuk, *Yona e o Andrógino* Nankin/Edusp, SP, 2001, sobre a poesia de Yona Wollach, Nankin/Edusp, 2010, SP, *Ata*, reunião de coletâneas de poemas, Record, 2007, *Câmara Escuro*, poemas, Hedra, SP, 2022, entre outras publicações. Traduziu e organizou, entre outras obras, *Terra e Paz*, de Yehuda Amichai, Editora Bazar do Tempo, Rio, 2018.

Email: <moaciramancio506@gmail.com>.

proveniente do hebraico, do aramaico), o hebraico e o vernáculo do país onde se encontravam. Berdichveski utilizou o hebraico para sua obra ficcional e ensaística, o iídiche para a pesquisa etnográfica e o alemão para seu diário íntimo. Preocupava-se, como outros autores, com a situação marginalizada dos judeus europeus do Leste e se colocava como um intelectual da contemporaneidade. Destaca-se entre os romances, a obra intitulada *Miriam*, pela estratégia narrativa que pode ter servido de modelo para S. Y. Agnon em *História Simples* (1935).

Como declarava, Agnon antes de escrever pensava em como outros autores teriam tratado certo tema, depois perguntava como ele, Agnon, escreveria a respeito. E só então lançaria mãos à obra. *Miriam* é a história “vanguardista” de uma personagem, Miriam, que aparece brevemente e só retorna ao final da narrativa. O escritor transformou a própria ausência na grande personagem dessa ficção sobre a opressão movida contra as mulheres e homens de um modo inteligentíssimo e irônico ao colocar a grande algoz na figura de certa matriarca da classe média judaica numa pequena cidade. Era o momento em que o Sionismo e as ideias sobre a emancipação judaica dividia as opiniões.

Há momentos panfletários em seus textos, como no conto aqui traduzido, *A Vaca Vermelha*, mas em *Miriam* o tom é outro. Em surdina, a situação feminina – de fundo universal – se reflete no embate entre as grandes mudanças que ameaçavam ou começavam a minar barreiras de ferro milenares. Essa também é a temática de *História Simples*, que pode ser lido na sensível e precisa tradução de Eliana Langer¹. Além disso, e sem a menor cerimônia (licença plenamente válida, temos um texto forte e muito sugestivo pelas mãos de Berdichevski e uma extraordinária narrativa, em todos os aspectos, pelas mãos de Agnon, que conta a história de Bluma, frustrada em sua paixão, de modo lancinante, por sua maior inimiga, outra mulher, a mãe do seu eleito, que segue para a desgraça. Porque a mãe do moço jamais admitiria casamento com alguém tão pobre de recursos práticos embora rica em tradição quanto Bluma – parente distante, pertencente à ala rejeitada da família, filha de um escriba religioso. De um lado, temos a jovem que, do esplendor florescente indicado pelo seu nome, apaga-se pelos cantos, sai de cena etc. Isso, apenas para lançar alguma luz sobre aspectos desse grandioso momento literário em que o hebraico se tornava expressão no conjunto da literatura europeia, já entrando no capítulo modernista. O hebraico era uma língua que, como Bluma e Miriam, ficava à

¹Editora Perspectiva, SP, 2002.

mercê das forças tradicionais dominantes/em crise dentro e fora do mundo judaico da época. No conto *A Vaca Vermelha*, a veia panfletária de Berdchevski é mais forte, impregnando laicamente a ação exorcista.

No meio das crises europeias e que assolavam os judeus de maneira radical, em meio à luta pela conquista da cidadania no sentido do termo, confinada aos limites do Estado nacional. Tempos de confusão, de explosões renovadoras e incontroláveis, como a que vemos neste conto sobre um grupo de açougueiros judeus que promovem o feroz ataque contra um símbolo da glória local que, de modo nada sutil, é associado a um sinal poderoso da próxima chegada do Messias: a vaca vermelha – embora nada se explique, teria de ser um animal perfeito em todos os aspectos, principalmente na sua cor -, mas a sugestão no conto é evidente ao revisar o tema. As dores que acompanham aquela vinda são parodiadas na revolta cega de pobres e subnutridos açougueiros – lembre-se *O Couraçado Potenkin*, com a nota universal da obra prima de Eisenstein.

Os procedimentos sobre a tal vaca, por determinação divina, são enigmáticos, pelo menos aos olhos de hoje. O animal seria sacrificado e suas cinzas utilizadas (Números 19) numa mistura com água, para limpar ritualmente as pessoas impurificadas pelo contato com mortos, assim como na prova da mulher suspeita de adultério. O possível inexplicável do trecho bíblico pode ser um contraponto para a força inaudita que possui um grupo de pobres e desnutridos açougueiros em tempos de carestia brava e os impulsiona ao ato de brutalidade além da razão. Se o Messias não vem, o que virá? Berdichevski funda sua literatura hebraica tanto no idioma bíblico quanto nas tradições posteriores sob o signo da perplexidade e da interrogação factual e metafórica sobre o demasiado humano.²

A Vaca Vermelha

“Fala aos filhos de Israel para que tomem em teu nome uma vaca vermelha, perfeita, na qual não haja defeito e que ainda não tenha levado jugo, e a dareis a Elazar, o sacerdote e este a tirará para fora do acampamento, e a degolarão diante dele. E Elazar, o sacerdote, tomará de seu sangue com seu dedo indicador e aspergirá do seu sangue 7 vezes para frente, na direção da entrada da tenda da reunião, e a vaca será queimada perante os seus olhos – o seu couro, a sua carne e o seu sangue, com o seu excremento, serão queimados. E o sacerdote tomará um galho de cedro, hissopo e lã carmesim e os jogará no meio do fogo em que arde a vaca. E o sacerdote lavará as suas roupas e banhará a sua carne na água, e depois entrará no acampamento e o sacerdote estará impuro até a tarde. E aquele que a queimar lavará suas roupas na água e estará impuro até a tarde. E um homem ajuntará a cinza da vaca e a porá fora do acampamento em lugar puro. E a congregação dos filhos de Israel a guardará por água purificadora – e é para purificação.” (Bíblia Hebraica, Editora Sêfer, SP, 2006)

Eis o caso da vaca vermelha. Aconteceu não faz muito tempo numa cidadezinha perto de Horan. Existia um rabino por lá. Na verdade eu, que conto a história, não estive lá nem vi as coisas com meus próprios olhos, mas ouvi da boca de pessoas fidedignas. Não vou negar, o caso é um tanto revoltante. Num momento eu disse: melhor deixar embaixo do pano, mas na hora corrigi: ficará no escrito, ao alcance dos nossos olhos.

Pois bem, nós desta geração vamos morrer, já vem outra geração que não conheceu o trem de vida dos nossos antepassados no exílio – se alguém ler e vier a conhecer a vida dos antigos através da leitura, saberemos o que era então a nossa existência, saberemos da luz, também das sombras, saberemos que fomos judeus, mas também gente de carne e osso, com tudo o que isso significa...

Na pequena cidade de Dáshia havia um açougueiro para os serviços de abate, e já estava próximo de obter o posto de segundo magarefe religioso em outro lugar; mas aconteceu de não ser considerado à altura de um mestre abatedor oficial dos judeus. Em vez de conquistar a arte do ensino ou de se tornar leitor público da Torá e puxador de reza, ou mesmo trabalhador avulso, sem atividade fixa, e viver “de brisa”, ou de uma lojinha, esse homem optou por aquela profissão muito próxima em sua natureza ao pio ofício de abate dos animais, porém quanto à posição social e religiosa nas cidadezinhas judaicas, tal atividade fica légua e meia abaixo... Digamos claramente: quem estivera pronto a ser um abatedor oficial, o Mestre Abatedor, embora naquela profissão reste algo de piedoso e todos os detalhes pertinentes à religião israelita, o fulano deu num simples carnicheiro da rua judaica e abriu um açougue para si. Ele abandonou os estudos, o traje profissional e os procedimentos do abate, da sabedoria sobre a distinção de impurezas, para se tornar simples açougueiro, no mesmo nível dos demais, um grosseiro magarefe que passa todo o dia no açougue, pendura no poste vacas e ovelhas abatidas, tira-lhes a pele, retalha e vende a carne a quilo.

Não fica por aí, ele era “distraído”, pouco atento às *mitsvot*, os preceitos, como outros açougueiros israelitas, que não estejam entre os mais rigorosos entre os mais exigentes dos observantes. Para que não se faça tempestade em copo d’água, eu diria que às vezes eles se esquecem e vendem carne profana como carne pura. Porque, simplesmente, a carne impura, numa cidadezinha dessa, onde a maioria é de judeus com uma minoria de camponeses que comem carne de porco, cujo preço é “quase de graça”, e a carne pura, *casher*, por causa da “taxa”, do imposto e outras coisas mais, não é exatamente de graça... o preço salta 45 por cento em cada quilo. Se no futuro eles forem condenados ao inferno por isso, pelo menos terão lucro enquanto permanecerem na face

da terra. O ganho é urgente para todo judeu com mulher e filhos. Todo o mundo sabe: os açougueiros gostam de comer, beber e manter os membros da família com uma refeição matinal, outra ao meio dia e outra à noite, e não com piedosa parcimônia, como fariam os devotos tementes, à risca da Lei.

Na verdade, no ato do abate e das pancadas do machado no corpo do animal, ainda que de acordo com as leis dessa prática, no cortar braço e perna ou parti-la em dois há um tipo de impiedade. Ainda ontem a cabra pastava no campo, a ovelha corria do rebanho rumo ao aprisco, e hoje já lhes tiram o sangue, estão mortas e penduradas em estacas, de ponta cabeça. O sangue é vida e está agora grudado nas mãos dos açougueiros. E eles, os açougueiros, são os auxiliares oficiais na amarração da vaca para a matança, ou do boi na hora de afiar as facas do mestre abatedor qualificado pelas normas de Israel. Ele, o mestre batedor, permanecerá temente aos céus, porque a religião e os preceitos dela guardam-no e defendem a sua alma. A violência que há nisso fica nas costas dos açougueiros, é a herança deles. Uma vez que os açougueiros não são faltos de força, quando explode uma briga na cidade e a coisa desanda em pancadaria a valer, os açougueiros são os encarregados de distribuir as bordoadas. Todas as pessoas espiritualizadas e piedosas temem os açougueiros brutamontes. Se alguém irritá-los, não conhecerá piedade.

É preciso falar também sobre o lado bom que há nisso. O povo de Israel foi durante muito tempo gente fraca, assustada até pelo ruído de uma folha ao cair. Quando havia um pogrom, um ataque aos judeus, cem deles fugiam de um campônio bêbado, engoliam com indiferença a destruição de janelas, os travesseiros dilacerados. Sob essa pressão os açougueiros aprenderam a protestar, a golpear com porretes e machados e a exercer a defesa nos tempos da violência. Uma coisa dessas aconteceu em Dáshia numa época de Páscoa cristã, no lapso de uma geração inteira antes que os israelitas tivessem aprendido a reagir seguindo exemplo daquela iniciativa por todo lugar, passando a se unir para a autodefesa. Espantaria que os açougueiros coroassem seus nomes com o título de pioneiros entre os heróis de Israel?

A Torá trata com mais rigor o assalto do que o furto, porque no primeiro caso não se diferenciam as vítimas, sejam ricos ou pobres e no segundo caso as vítimas ricas e pobres são equivalentes. Caso apliquemos esse princípio chegaremos à conclusão de que há dois aspectos opostos considerados pelos açougueiros no mesmo assunto. Heróis em Israel são aqueles que não têm coração mole e nada temem, por natureza, quando “pegam”, às vezes, um boi ou uma vaca de outro sem pagar. Eles o fazem às ocultas, sem

que os proprietários saibam disso, agindo de propósito pela mão de terceiros, a tal mão do gato. Talvez já não exista nisso um “roubo”, propriamente, ou um tipo de gatunagem, mas uma questão de meio de vida. – O ramo dos açougueiros acata por norma que um animal abatido de maneira regular tenha o preço compensado na venda, ou seja, cinco vezes acima do cobrado pela carne que nada lhes custou. Ele, o boi, vagava perdido na estrada e aquelas pessoas o apanharam e o levaram até eles, os açougueiros, ou havia cerca de cinquenta vacas no rebanho e agora existem lá quarenta e nove, número ainda suficiente para os proprietários. Vejam quantos possíveis riscos de dano envolvem o abate de uma vaca: às vezes o abatedor a torna impura na hora do golpe fatal, outras vezes ela se torna impura por causa de ferimento pulmonar ou por causa de uma das dezoito regras do abate... A cidade de Dáshia é pobre no geral e os judeus não obtêm muita carne por dinheiro: carne que permanece três dias sem água também se tornará impura e no verão se estragará. – Como pode o açougueiro, perguntam, viver sem um negocinho “por fora”?

Dirão, mas isso é proibido, não é o certo que os de Israel ajam dessa maneira. Entretanto, acaso nos demais negócios, com os suas tramoias ou embustes e o que segue no gênero também não haveria proibições? Sobretudo, não há diferença entre um e outro caso, apenas que, entre os comerciantes e os lojistas poderosos, as condutas desprezíveis entre eles não são apenas força de expressão. Acontece que eles não são impedidos de vestir trajes de pessoas sérias e piedosas, que rezam nos principais lugares da sinagoga. Já os açougueiros e similares não são considerados na comunidade dos piedosos e rezam eles não na sinagoga central da cidade e sim nas sinagogas periféricas. Aqueles, gente de posição, tomam o gole da “bênção” pela manhã após as orações. Eles têm um jargão falsamente piedoso para tudo o que fazem em função das necessidades físicas – enquanto os açougueiros bebem o que bebem sem disfarçar com palavras bonitas ou se desculpam com pretextos da morte do pai e todos dias santos para justificar a bebida. Certamente os açougueiros não são um primor e eu não pretendo cobri-los com uma toalha vistosa, por causa daquela história, porque nisso, aos meus olhos eles não passam de um bando de biltres. Biltres! Quem poderá proferir essa palavra em toda a sua crueza? As pessoas querem viver, carregam o mau instinto nas entranhas, e ele não usa luvas de pelica, seu efeito é avassalador.

Assim foi a coisa:

Na cidade de Dáshia havia um sujeito chamado Reuven, homem mediano, que jamais se destacara em coisa alguma; quem pode saber se o nome dele seria conhecido entre os habitantes da mesma, não fossem as vacas de sua propriedade?

A maioria dos habitantes de Dáshia, com certa posse, possuía vacas leiteiras em suas casas e não precisavam comprar o leite fora, mas Reuven tinha sempre a melhor vaca da cidade, conseguira sucesso nisso e era entendedor do assunto. Ele sabia cuidar bem das suas vacas a fim de torná-las saudáveis e de boa aparência. Reuven não se envergonhava de nada, na vez da sua vaca, preparava ele mesmo a ração e levava a água para que bebesse. O estábulo caseiro era sempre limpo e os olhos dele estavam permanentemente atentos, que não ocorresse nenhum mal à sua vaca. O requinte nos cuidados com o animal preenchia os seus dias e por isso ele ganhou renome naquela cidade.

Na verdade a gente de Dáshia é realmente urbana, as pessoas lá não têm muita intimidade com a natureza. Mas a vaca que dá leite aos seus donos e cabras ordenhadas à porta das casas ainda representam um resto de sobrevivência da relação com a natureza. Todos conhecem em cada canto da cidade as vacas daquela rua e suas cabras. Ao retornarem da pastagem, os grandes e os pequenos animais do rebanho comunitário são observados pelos moradores, que tecem comentários sobre o valor, o porte e a quantidade de leite que produzem. Que carinho todos dedicam ao gado de sua família, e uma pessoa passeia com a sua vaca e a sua cabra como se fossem pessoas amigas. Mas por que não seria assim? Os animais também são seres vivos, têm a sua hora de comer, de sentir fome, sentimentos de aflição, alegria, amor pelos seus filhos e saudades. Se não sabem disso, levem vocês para suas casas uma vaca, uma cabra ou uma ovelha e verão o que é um ser vivo.

Naquele tempo Reuven era dono de uma vaca holandesa vermelha, como ela a gente de Dáshia jamais vira, pela beleza, saúde e perfeição do corpo. Como rainha ela desfilava, de cabeça erguida, ao retornar da pastagem com o rebanho. Suas companheiras, as demais vacas, demonstravam respeito a ela. E ela, na verdade, pertencia a uma raça mais elevada. A estrutura do corpo, do seu úbere, assim como a pele agradável ao toque mostravam a sua origem. Cerca de cento e cinquenta rublos, certa vez, tinham oferecido a Reuven por ela. Em comparação, o preço máximo do restante das vacas da cidade, pertencente aos demais habitantes, inclusive os príncipes locais, não passava de setenta ou oitenta rublos. Como Reuven havia conseguido um animal desses, ele que nem era

rico, ninguém sabia, mas os de Dáshia não se espantavam com isso de modo algum, depois que a boa sorte de Reuven e suas vacas já era conhecida. Sua vaca precisa ser a melhor de Dáshia e das redondezas; assim está escrito no livro da fortuna e sempre seria assim.

Reuven era feliz nesses tempos, sendo proprietário daquela vaca vermelha, como um homem que atingira nível de grandeza incomparável ao casar a filha com um erudito estudioso da Torá. Ele regozijava ao ouvir elogios e mais elogios sobre a sua vaca, levando-a às alturas. Palavras exacerbadas e maravilhas eram ditas sobre a vaca pertencente a Reuven. Em Dáshia, como dizem, se me permitem, era como se falassem do próprio rabino... Diziam que tal vaca dava quatro copos de leite em cada jato. Diziam que só de manteiga, feita do leite que sobrava do uso diário – lembremos, Reuven no final das contas tinha treze filhos, portanto quinze bocas para alimentar ao anoitecer, ao amanhecer e ao meio dia – lucrava três rublos por semana. Resumindo, a vaca vermelha de Reuven, a qual paria ano após ano com a primavera, rendia a ele, só com o preço dos bezerros, bela soma em dinheiro sonante. Ela era pano para manga nas conversas na sinagoga.

Dáshia festejava a existência da excelente vaca, que podia ser o orgulho de uma grande cidade neste mundo de Deus. E as mulheres da vizinhança, senhoras do “mau olhar”, que tinham inveja e queriam secar o leite dentro da vaca vermelha à força das bruxaria delas, nada conseguiam com os feitiços murmurados no breu da noite. Se o Senhor criara uma prenda tão excelente e ela continuava firme sobre as quatro patas para alegria e admiração de quem olhasse, nem o próprio Satã e seus sequazes teriam poder sobre esse esplendor.

Calculem por vocês mesmos: tudo isso de nada vale na hora da fatalidade. Chegou a hora e estava assinada a sentença daquela vaca, que era realmente fonte de vida para uma família inteira e destaque na imagem da cidade. Se a pena capital tivesse caído sobre ela e a execução ocorrido nos seus dias de glória; ou a peste assolasse a terra e a epidemia a extirpasse do mundo, nossas almas sofreriam, mas nós nos calaríamos. Seres humanos também têm a sua vida ceifada. Uma casa bonita, pela construção da qual os donos muito se empenharam, extingue-se em labaredas; uma cidade batida inteiramente por inimigos, ou que se endureça sobre ela o poder de um tirano e uma grande revolta a coloque à beira da ruína, quem vai interromper o ritmo das coisas? Quem vai impedir a ação dos Céus? Se desse a louca em Reuven ou a vaca parasse de dar leite por dois anos seguidos, acabasse vendida para o abate e o mestre abatedor a tivesse abençoado, conforme as

regras religiosas, e, examinando-a, constatasse que ela era *casher*, isto é, permitida ao consumo judaico, sua pele retirada e a picassem conforme a Lei de Moisés, vendessem a sua carne gorda aos judeus para o sagrado jantar de Shabat e, uma vez frita ou cozida, fosse deliciosa ao paladar, tornando-se um santo deleite, nós teríamos aceitado, com movimentos de cabeça, o destino de uma vaca leiteira da sua qualidade, ter sido encaminhada ao abatedouro. É assim que segue a vida, fatos como esse ocorrerão sempre. Mas com essa vaca pertencente ao Reuven, ocorreu um assassinato, um massacre monstruoso, como a tocaia armada contra um ser humano em um bosque, para matá-lo. Nada foi conforme os movimentos naturais, tudo aconteceu de um modo que não se espera venha a acontecer entre os judeus.

Ano de seca, elevava-se o preço da carne. A subsistência em Dáshia tornara-se muito apertada até para os açougueiros, cuja situação, que normalmente não era má, também se tornara difícil na ocasião. Surgiram ainda certos atritos e intrigas na cidade, que se dividiu em “duas facções”, como o usual, e Reuven, homem da paz desde a juventude, acabou optando por um lado na briga. Os açougueiros estavam no segundo lado, contra ele. Na verdade não é possível encontrar tantos motivos para explicar o que aconteceu depois disso, de qualquer modo falarei sobre eles ao leitor, um a um. Não sou o juiz aqui, somente aquele que conta a história; mas outros irão julgar, juntar as pontas e explicar a coisa toda.

A fatalidade caiu sobre a vaca pertencente a Reuven. Parte dos açougueiros de Dáshia tomaram-na de seu dono – muitos olhos a vigiavam quando ela retornou da pastagem com o rebanho comunitário. Ela ignorava o seu destino. O bando se reuniu discretamente na casa do mestre abatedor reprovado, novamente com o Shoel, açougueiro oficial, dono dos ombros mais largos de Dáshia. Então trocaram ideias sobre a trama secreta, fixando dia, hora e lugar. Estavam todos dispostos a isso como se fossem um só homem.

A coisa foi no final do Shabat, nas últimas do verão. Reuven e os seus sentaram-se ao anoitecer e gabavam a vaca. Os pequenos dividiram-lhe a pele, os grandes a elogiavam. A filha maior lhe serviu o farelo úmido e água. De repente a vaca emitiu um mugido de cortar a alma; abalados, eles não sabiam o que acontecera. Com a proximidade do inverno as nuvens tinham começado a cobrir também o coração dos judeus ao lembrarem que não havia lenha para o aquecimento, nem roupas quentes. As pessoas

precisavam cobrir os seus corpos desprotegidos. Iam mal as suas atividades, o ganha-pão minguava!

Era meia noite. Os habitantes de Dáshia dormiam em seus leitos, nem um fiapo de luz se vislumbrava nas janelas dos judeus. Eles dormiam pesadamente dentro da treva noturna; o dia seguinte, escasso de pão, esperava por eles... É quando um açougueiro cruza a noite e se dirige ao curral de Reuven, onde está a vaca. Não há cadeado na porta, apenas uma grossa corda prendia a perna da vaca a uma árvore e o ladrão a cortou com sua faca afiada, pegou a vaca pelos chifres levando-a por uma passagem estreita. Ela o seguiu muito assustada.

Homem e besta param diante da entrada do grande porão do açougueiro Shoel, onde estavam os seus cúmplices; dois deles saíram, foram até a vaca, alisaram-na com as mãos e a manejaram com ela. A vaca agitou a cauda com indiferença. De repente começaram a puxá-la fortemente rumo ao porão guiando-a para os degraus que desciam até lá, contra a vontade dela. Empurraram-na, ela bufava com medo de baixar ao subsolo.

A vaca ficou parada lá em baixo, furiosa. Sete deles que aguardavam no porão se levantaram para recepcioná-la. Trajavam aventais e casacos de pele com cintos como os campônios, seus rostos estavam em chamas. Já tinham tomado o seu trago para reforçar o ânimo, e as pequenas velas que brilhavam no escuro do porão criavam uma atmosfera infernal. Começaram a circundar a vaca e a apalpá-la.

De chofre um dos açougueiros, poderoso como um leão, tentou derrubar a vaca, mas as pernas dela eram fortes igual ao ferro. Os seus companheiros o ajudaram e lutaram duro com ela, mas a besta fincava as patas no chão, espumando pelos olhos. A vaca se ergueu e tentou chifrar um deles, batendo a cabeça na parede de pedra, todo o porão estremeceu. Um dos açougueiros, grandalhão e forte, deslizou por baixo dela e amarrou-lhe as pernas traseiras com uma corda grossa. Fez o mesmo com as pernas dianteiras. Os demais juntaram forças e se amontoaram no dorso da vaca, pressionando-a mais e mais. Ela desabou no chão com um forte gemido e tentou partir as cordas. Aqueles que estavam sobre ela forçavam-na impulsionados por vingativo e inédito ódio. Fora, começava a chover e a bater no telhado enquanto o vento fazia ouvir sua voz, enquanto pela testa dos açougueiros corriam gotas de suor feito favas, de tanto trabalho; um olhava o outro como estranho, tiraram suas roupas e dobraram a manga das camisas até os sovacos, prontos para uma grande batalha. Um tipo de espírito maligno os assaltava, queria explodir. –

Um dos açougueiros, que era o mestre abatedor, tranquilo, de lado, afiou a velha faca e experimentou o fio nas próprias unhas. Novamente os açougueiros se ajoelharam

nas costas da vaca, amarraram as grossas pernas embaixo, depois acima. Dois deles, muito fortes, inclinaram a cabeça do animal, a força deles era desmedida. Foi como se uma desgraça impregnasse toda a atmosfera, a horrorosa pena tinha sido determinada agora – o mestre abatedor ergueu a faca e a passou no tenro pescoço, para frente e para trás. A vaca emitiu um gemido assustador, de abrir a terra, o sangue jorrou abundantemente, como se uma fonte se abrisse num grande arco e inundasse tudo, a brilhar no meio da luz proveniente da lanterna no teto. O sangue esguichava e tingia do teto às paredes, o piso e as roupas daquelas pessoas, suas caras e suas mãos. A vaca guerreava com o resto das forças e estrebuchou. O piso ao redor era um rio de sangue. Os carrascos colocaram-na de lado, passou-se uma hora, sua alma vermelha expirava, ela morreu. O homem derrotara a força da vida!

Um açougueiro pegou uma faca afiada e a cravou no ventre da vaca em agonia, o intestino saltou para fora enquanto os outros começavam a extrair a pele, retirando-a de quase todo o corpanzil da vaca. Fizeram todo o serviço com uma espécie de força contida e emoção represa jamais conhecidas por eles até então.

Morta a vaca, começaram a destroçá-la. Deceparam-lhe a cabeça, as pernas. Um deles não pôde se conter, agarrou o fígado gordo e o estendeu por cima do carvão em brasa que outros haviam preparado no canto. Quando o sangue tocou o fogo todos começaram a comer o fígado sem sal, em desbragada luxúria, lambendo os dedos com delícia. Um garrafão de cerveja estava pronto no chão. Beberam e comeram mergulhados em intenso prazer. Nessa hora, eles eram como os sacerdotes de Baal no seu tempo, quando esquartejavam a vítima em oferenda no altar. E isso não ocorreu em Bet El nem Dan, mas na cidade judaica de Dáshia, não antes que as dez tribos fossem exiladas, no reino israelita do Norte, mas no ano de 5645 da criação, isso é, 1884...

Passara-se o segundo quarto da noite, a chuva caía forte e o vento soprava furiosamente. Dividiram a vaca em dez partes e cada um colocou a sua porção no saco. Cada um levou sua carga ao ombro e se espalharam, cada um se dirigindo ao seu açougue na treva da noite, a fim de lá guardar e esconder o fruto de seu saque. A cidade de Dáshia dormia e sonhava, cães ladravam, o céu permanecia envolto pela névoa da chuva. Quem saberia o que nesse momento se passara na cidade? –

Na pressa os açougueiros esqueceram de fechar o porão de Shoel e os cães vieram lambe o sangue. Pela manhã viram que a vaca de Reuven desaparecera do curral dizendo que havia sido roubada. Procuraram. Depois de uma hora acharam a pele vermelha ainda

úmida. As pessoas se assustavam ao saber do terrível acontecimento. Na casa do pobre Reuven tudo era tristeza, desolação e luto pesado!

Desde o dia em que Dáshia fora fundada não ocorrera um dia tão tenebroso quanto esse. Pessoas andavam pelos arredores e pelas ruas, vinham, murmuravam e falavam. Era como se houvesse um eclipse do sol e da lua simultaneamente, cada um encarava o outro e cada uma encarava sua amiga como se o mundo se tivesse transformado no Vale dos Espíritos Danados. Realmente insuportável o fato de terem trucidado uma vaca na melhor fase de sua vida.

Quanto ao que aconteceu com os açougueiros que participaram do assassinato da vaca, polêmicas, julgamentos diferentes e o castigo destinado a eles, de acordo com os homens e segundo os Céus – se eu contar tudo isso em detalhes seria demais. Em resumo, cada um que tomara parte no extermínio da vaca vermelha acabou deparando coisas nefastas em suas casas, como se devastadora maldição tivesse sido lançada sobre eles e as famílias que não deixariam vestígios. Essas coisas estão escritas no livro das crônicas de Dáshia e nos anais da cidade.

Poderá o leitor obter mais informações naqueles registros, por obséquio.

Bibliografia

Pará Adumá, Projeto Ben Yehuda - <https://benyehuda.org/read/3908>.